

Quão complexo é o gênero gramatical?**How complex in grammatical gender?**

Daniel da Silva Carvalho¹
UFBA/UFAL

DI GARBO, Francesca; OLSSON, Bruno; WÄLCHLI, Bernhard. **Grammatical gender and linguistic complexity**. Vol. I: General issues and specific studies. Vol. II: World-wide comparative studies. Berlin: Language Science Press, 2019, 340p. (Vol. I) + 389p. (Vol. II).

Resumo

Os dois volumes de *Grammatical gender and linguistic complexity* [Gênero gramatical e complexidade linguística], organizados por Francesca Di Garbo e Bernhard Wälchli, ambos pesquisadores da Universidade de Estocolmo, e Bruno Olsson, pesquisador da Universidade Nacional Australiana reúnem 15 capítulos que discutem diversos aspectos do gênero gramatical em diversas línguas naturais. A maior parte do material compilado nos dois volumes é o resultado do workshop com o mesmo nome realizado entre os dias 20 e 21 de novembro de 2015, pelo Departamento de Linguística da Universidade de Estocolmo, na Suécia, tendo alguns capítulos, no entanto, sido agregados durante o processo de construção dos volumes.

Palavras-chave

Gênero gramatical; Estudos comparativos; Complexidade linguística.

Abstract

The two volumes of *Grammatical gender and linguistic complexity*, organized by Francesca Di Garbo and Bernhard Wälchli, both researchers at Stockholm University, and Bruno Olsson, researcher at the Australian National University, bring together 15 chapters that discuss various aspects of grammatical gender in several natural languages. Most of the material compiled in the two volumes is the result of the workshop with the same name held between the 20th and 21st of November 2015, by the Department of Linguistics at Stockholm University, in Sweden, with some chapters, however, being aggregated during the volume compilation.

Keywords

Grammatical gender; Comparative studies; Linguistic complexity.

¹ Doutor em Linguística (UFAL), professor associado da Universidade Federal da Bahia e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas. Líder do Grupo Phina – Estudos em Gramática, Raça e Sexualidades. <https://orcid.org/0000-0002-9776-6963>

Gênero é uma categoria que gera um intenso debate nos estudos linguísticos de forma geral, e em especial nos de cunho tipológico, seja na tentativa de se estabelecer uma tipologia para as línguas no mundo que represente a universalidade ou não da categoria, seja na proposição de ferramentas para essa tipologia. Alguns prospectos foram lançados ao longo do desenvolvimento da literatura sobre o tema. Dixon (1982), por exemplo, propõe um diagnóstico para identificar línguas que possuem gênero como categoria morfológica e/ou lexical a partir de três critérios: (i) a língua deve agrupar seus nomes em classes; (ii) a língua deve apresentar concordância entre o núcleo nominal e seus satélites (ex.: artigos, adjetivos, verbos) e (iii) a associação de classe aos nomes deve mostrar uma considerável correlação semântica com o sexo (nos nomes animados).

Portanto, gênero pode ser tipologicamente considerado como um fenômeno relacionado a, pelo menos, classificação nominal (fenômeno morfológico) e concordância (fenômeno sintático). Muito se tem feito nos estudos tipológicos no intuito de uma taxonomia linguística de gênero (cf. Meillet, 1982 [1921]; Greenberg, 1978; Corbett, 1991, 2015; Aikhenvald, 2016). Entretanto, o tratamento dessa categoria pelo prisma da *complexidade linguística* é algo recente, mesmo sendo esse viés conhecido pelo menos desde o início do século XX (cf. Sapir, 1921). Complexidade linguística pode ser entendida como um termo genérico para denominar uma abrangente área de pesquisa que se dedica tanto à complexidade estrutural das línguas e suas variedades, como também a seus subsistemas ou níveis (fonologia, morfologia e sintaxe). Dentro dessa perspectiva, gênero gramatical pode ser entendido como um fenômeno linguístico complexo por sua intrínseca relação com outras categorias gramaticais nas línguas, por exemplo, como caso, em alemão, e número, em catalão e demais línguas românicas. Ainda, complexidade pode ser entendida como definido por Dahl (2004): uma medida da quantidade de informações necessárias para descrever um fenômeno ou reconstruí-lo.

É a partir do perfil de complexidade linguística proposto por Dahl que foram desenvolvidos os trabalhos reunidos nos dois volumes de *Grammatical gender and linguistic complexity*, organizados por Francesca Di Garbo e Bernhard Wälchli, ambos pesquisadores da Universidade de Estocolmo, e Bruno Olsson, pesquisador da Universidade Nacional Australiana. A maior parte do material compilado nos dois volumes é o resultado do workshop com o mesmo nome realizado entre os dias 20 e 21 de novembro de 2015, pelo Departamento de Linguística da Universidade de Estocolmo, na Suécia, tendo alguns capítulos, no entanto, sido agregados durante o processo de construção dos volumes.

O material reunido procura discutir gênero gramatical e seu papel na complexidade linguística a partir de um panorama tipológico-funcionalista. Os trabalhos são atravessados por três aspectos fundamentais à investigação do fenômeno da complexidade dos sistemas de gênero nas línguas: (i) mensurabilidade, (ii) estabilidade, e (iii) raridade tipológica. A discussão desses três pontos fulcrais para o entendimento de gênero como um sistema complexo perpassa por debates teóricos e empíricos, a partir de dados sincrônicos e diacrônicos, sejam interlinguísticos ou translinguísticos.

Os dois volumes que compõem *Grammatical gender and linguistic complexity* possuem a seguinte estrutura: o volume I é subtítulado *General issues and specific studies* e reúne três capítulos sobre os fundamentos teóricos acerca da complexidade e canonicidade de gênero e seis capítulos com estudos tranlinguísticos, envolvendo famílias linguísticas africanas,

neoguineenses e sulasiáticas; o volume II, cujo subtítulo é *World-wide comparative studies*, é constituído de quatro capítulos, sendo os três primeiros desenvolvidos a partir de uma perspectiva tipológica diacrônica e o último, apresentando desafios e horizontes teóricos e empíricos para os estudos da complexidade de gênero.

Ambos os volumes são introduzidos por um primeiro capítulo, que exibem o mesmo texto de apresentação (*Introduction*), descrevendo tanto as partes quanto os capítulos dos dois livros, além de fazer um agradecimento aos colaboradores autores e leitores/debatedores dos manuscritos.

O Volume I é dividido em quatro partes. A primeira parte é composta por três capítulos teóricos, cujos pontos de debate guiam os capítulos de descrição e análise. O primeiro desses capítulos, de Jenny Audring (Universidade de Leiden, Holanda), tem o título *Canonical, complex, complicated?* e apresenta uma discussão sobre os princípios da canonicidade tipológica (Corbett, 2006; Brown *et al.*, 2013) em contraste com os da complexidade linguística, e essa relação com o conceito de dificuldade linguística. A autora assume que gênero gramatical é uma definição genérica para sistemas de classificação nominal determinados a partir de concordância e situa seu leitor quanto a perspectiva teórica adotada, a Tipologia Canônica, proposta inicialmente por Corbett (2006) e envolve a análise e a definição de fenômenos sujeitos à variabilidade inter e intralinguisticamente. Em seguida, gênero é descrito a partir dos princípios da canonicidade, a saber: clareza (gênero é distinto formalmente), redundância (concordância de gênero é redundante), simplicidade sintática (concordância de gênero é sintaticamente simples), exponência (os valores de gênero são expressos flexionalmente), ortogonalidade (gênero e as demais classes gramaticais são completamente ortogonais) e valores correspondentes (valores contextuais correspondem aos valores inerentes). Esses princípios formam um princípio geral, denominado por Corbett e Fedden (2016, p. 20) como *Princípio do Gênero Canônico* (*Canonical Gender Principle – CGP*): “[e]m um sistema de gênero canônico, cada nome tem um único valor de gênero”.

O texto de Audring é essencial para a leitura dos demais capítulos, pois introduz os princípios teóricos da complexidade linguística que serão adotados nos demais capítulos: economia (quanto mais complexo um traço, mais formas gramaticais ele envolve), transparência (uma forma = um significado) e independência (um traço gramatical é independente de outros traços ou propriedades linguísticas em uma situação menos complexa). Então, estabelece-se uma comparação das propriedades tipológicas dos sistemas de gênero (controlador, alvo, valores, domínios e atribuição) a partir das duas perspectivas, apontando quais delas ferem quais princípios.

Finalmente, Audring descreve *dificuldade* a partir de sua comparação com complexidade: enquanto esta é uma medida absolutamente avaliativa, aquela é inerentemente relativa, uma vez que “uma estrutura particular é difícil para alguém no contexto de alguma tarefa particular” (p.38). A autora ilustra essa “tarefa particular” com a aquisição de gênero gramatical em L1, listando os fatores que podem interferir em seu grau de dificuldade: (i) frequência – o número de vezes que a criança é exposta a uma determinada expressão; (ii) perspicácia – as pistas morfológicas, centrais para a aquisição, devem ser claras; (iii) consistência – as pistas mais claras para gênero são as mais consistentes; e (iv) monofuncionalidade – as marcas de gênero expressão apenas gênero.

O segundo capítulo teórico do volume I, *Gender: esoteric or exoteric?*, de Östen Dahl (Universidade de Estocolmo, Suécia), faz uma breve discussão sobre a complexidade de gênero gramatical e ecologia linguística. Dahl recorre ao trabalho de Lupyan e Dale (2010), baseado em dados do *World atlas of language structure* (Wals, Dryer; Haspelmath, 2013), para estabelecer uma distinção entre línguas faladas em um nicho esotérico – com pequenas populações, territorialmente menores e com pouca vizinhança linguística – e línguas faladas em um nicho exotérico – que possuem populações, áreas e vizinhança linguística maiores. Dahl, então, dá início a uma crítica mordaz à relação entre gênero gramatical, complexidade e a dimensão esotérica/exotérica. Levantando questões nos estudos da complexidade de gênero que vão desde problemas de amostragem (por exemplo, há um desequilíbrio na distribuição topográfica das línguas que apresentam marcação de gênero no WALS, havendo apenas uma não pertence às famílias indo-europeia, afro-asiática e níger-congo) às relações morfológicas entre gênero e as demais classes nominais (gênero não se distinguir formalmente das demais categorias flexionais, com número), o autor tece críticas ao modelo ecológico dos estudos tipológicos feitos atualmente. Dahl, então, levanta a bandeira da diacronia para explicar a distribuição areal de gênero, criticando um modelo exclusivamente sincrônico.

O terceiro capítulo teórico do volume I, de Johanna Nichols (Universidade da Califórnia em Berkeley, Estados Unidos, Escola Superior de Economia de Moscou, Rússia, e Universidade de Helsinque, Finlândia), tem como título *Why is gender so complex? Some typological considerations* e buscar discutir as razões de se considerar (ou não) gênero como uma categoria complexa. A autora parte da hipótese de que os sistemas de gênero não são complexos em si, mas refletem a complexidade já instaladas nessas línguas pelos demais sistemas. Metodologicamente, Nichols utiliza duas ferramentas de mensuração e comparação de complexidade em uma amostra de duzentas línguas: *complexidade do inventário*, que mede o número de elementos em um inventário ou valores em um sistema, e *complexidade descritiva*, que mede a quantidade de informação requerida para descrever um sistema. Assim, a autora demonstra que a presença de um traço como gênero um paradigma linguístico torna-o mais complexo, mas que isso não é prerrogativa desse traço. Em seguida, Nichols compara o grau de complexidade de gênero e dos demais valores do sistema de classificação nominal, a outros traços indexicais, como pessoa, concluindo que estes possuem meios de autocorreção e autossimplificação, diferentemente das categorias de classificação nominal, o que é justificado pela autora pelo caráter referencial de pessoa.

Após esses três capítulos teóricos, que estabelecem os critérios de descrição tipológica presentes no restante dos volumes, tem-se início às partes voltadas a estudos específicos de línguas de três diferentes continentes: África (parte II), Oceania (parte III) e Ásia (parte IV).

O primeiro capítulo da parte II, voltado a línguas africanas, é intitulado *Niger-Congo “noun classes” conflate gender with deriflection* e tem autoria de Tom Güldemann (Universidade Humboldt de Berlim e Instituto Max Planck para as Ciências da História Humana) e Ines Fiedler (Universidade Humboldt de Berlim). O texto faz uma revisão das abordagens sobre os sistemas de categorização nominal nas línguas da família níger-congo e apresenta alguns vieses comparativos que geram problemas para as análises tipológicas dessas línguas, tanto no nível sincrônico, quanto no diacrônico. Um dos problemas apontados pelos autores é a atenção desproporcional dada à classificação nominal afixal, que deixa de lado nominais sem

afixos de classe. Outro problema na análise das línguas níger-congolesas apontado é a visão estereotipada sobre concordância e classes de formação nominal, que são majoritariamente assumidas como dedicadas exclusivamente para esse fim. Um dos pontos mais relevantes discutidos pelos autores é o próprio conceito de classe nominal nos estudos tipológicos na família níger-congo, que funde os fenômenos da concordância de gênero e o que os autores denominam *deriflexão* (*deriflection* no original – um *blend* de derivação e flexão). Güldemann e Fiedler acompanham Corbett (1991) na definição de gênero como o traço derivado da abstração dos demais traços de um sistema linguístico, enquanto *deriflexão* é a contraparte morfofonológica de gênero que interage com este em um sistema linguístico. Segundo os autores, um tratamento unificado das categorias nominais tem efeito negativo na análise dessas línguas, pois o foco dado sempre privilegia uma das categorias nominais, negligenciando uma análise transparente das demais.

O segundo capítulo que compõe a parte II do volume I é intitulado *Gender in Uduk*, de autoria de Don Killian (Universidade de Helsinque). O capítulo faz uma descrição do sistema de gênero em *uduk*, língua da família koman falada na fronteira entre Etiópia e Sudão, e aborda as peculiaridades desse sistema de gênero. Uma das especificidades apresentadas pelo autor é o fato de sistema de gênero na língua apresentar um alto uso de zeros morfológicos e estratégias morfossintáticas, como a supressão dos morfemas de concordância do sujeito para expressar gênero de um objeto. Outra característica incomum encontrada pelo autor é a adjacência dos alvos de indexação ao controlador. Ainda, pronomes pessoais e demonstrativos controlam gênero da mesma forma que nomes nessa língua, além de não haver conexão entre essa categoria e sexo biológico outra categoria semântica familiar.

A parte III do volume I dedica-se a línguas neoguineenses. Os três capítulos que compõem essa parte são dedicados à descrição das línguas *walman* (capítulo sete, de Matthew S. Dryer (Universidade de Buffalo, Estados Unidos), intitulado *Gender in Walman*), *marind costeira* (capítulo oito, de Bruno Olsson, intitulado *The gender system of Coastal Marind*) e mais vinte línguas da região da Nova Guiné (capítulo nove, de Erik Svärd (Universidade de Estocolmo), intitulado *Gender in New Guinea*). Os dois primeiros capítulos fazem uma descrição panorâmica dos sistemas de gênero em *walman* e em *marind costeira* a partir de um modelo canônico de tipologia, demonstrando o comportamento dessa categoria no domínio nominal, apresentando os princípios de concordância. O que difere metodologicamente os dois capítulos é a abordagem sincrônica adotada por Dryer para o *walman* e a abordagem diacrônica adotada por Olsson para o *marind costeiro*.

Já Svärd propõe uma classificação do sistema de gênero em vinte línguas de diferentes famílias da região da Nova Guiné, a partir da descrição da concordância dessa categoria. O autor faz, por fim, uma comparação dos critérios de classificação de gênero das línguas estudadas, de línguas africanas apresentadas em um estudo de Di Garbo (2014) e de uma amostra de cem línguas de diferentes regiões do globo. Os critérios para a comparação foram: (i) sistemas com base no gênero biológico vs. gênero não biológico, (ii) número de gêneros, (iii) atribuição de gênero, (iv) número de alvos de indexação de gênero e (v) ocorrência de marcas de gênero nos nomes. O autor conclui que as línguas neo-guineenses apresentam uma notável diversidade quanto a realização do gênero gramatical, mas ainda são encontrados padrões comuns, que são compartilhadas com diversas línguas utilizadas na comparação.

A terceira e última parte do volume I é voltada é composta de um capítulo dedicado ao estudo tipológico de vinte e cinco línguas indo-arianas faladas no nordeste do Afeganistão, na região indocuche (capítulo dez, de Henrik Liljegren (Universidade de Estocolmo), intitulado *Gender typology and gender (in)stability in Hindu Kush Indo-Aryan languages*). A partir de uma microtipologia de gênero, Liljegren observa diferentes comportamentos dos sistemas dessa categoria nominal nas diferentes línguas, como, por exemplo, a maioria das línguas apresentarem um sistema de gênero com base biológica, enquanto apenas duas delas não apresentam a distinção feminino-masculino (khowar e kalasha). O autor dedica boa parte de seu texto na descrição do comportamento da concordância de gênero com base no modelo canônico, finalizando sua análise com um *ranking* de complexidade de gênero em que as línguas com sistema de gênero com mais valores são consideradas mais complexas e aquelas com menos valores são consideradas menos complexas, chegando ao valor zero de complexidade (nas línguas khowar e kalasha). Liljegren finaliza o capítulo com uma tentativa de distribuição areal das línguas a partir das características de gênero levantadas em sua análise.

O volume II de *Grammatical gender and linguistic complexity* não é dividido em partes e possui cinco capítulos, sendo o primeiro a mesma introdução feita no primeiro volume (capítulo um) e os demais envolvendo estudos comparativos sobre a complexidade dos sistemas de gênero. O capítulo dois, de Francesca Di Garbo e Matti Miestamo (Universidade de Helsinque), intitulado *The evolving complexity of gender agreement systems*, traz uma abordagem diacrônica sobre gênero e complexidade. Os autores investigam quatro tipos de mudança diacrônica que afetam diretamente os sistemas de gênero, a saber: redução, perda, expansão e emergência, em trinta e seis línguas, representativas de diferentes famílias de diversos continentes, com o intuito de descrever a evolução da complexidade de gênero. Uma das conclusões alcançadas pelos autores é que a redução do escopo de concordância de gênero não corresponde necessariamente à redução de complexidade.

O terceiro capítulo do volume II é escrito por Bernhard Wälchli e é intitulado *The feminine anaphoric gender gram, incipient gender marking, maturity, and extracting anaphoric gender marking from parallel texts*. A partir cotejo de versões do Novo Testamento em uma impressionante amostra de oitocentos e dezesseis línguas, Wälchli investiga os gramemas anafóricos de gênero feminino (do tipo *ele/ela*). A aplicação do método, novidade no estudo do gênero gramatical, possibilitou ao autor classificar os gramemas de gênero simples na amostra em três tipos: sintagmas nominais complexos não composicionais, anáforas nominais reduzidas e nomes gerais. Em contrapartida, a cumulação das categorias de gênero e caso nos gramemas é assumida como um traço característico de complexidade e maturação dessa categoria nas línguas.

Em seguida, Kaius Sinnemäki (Universidade de Helsinque), em seu texto intitulado *On the distribution and complexity of gender and numeral classifiers*, oferece um mapeamento e um tratamento estatístico das ocorrências de gênero e classificadores numéricos em uma amostra de trezentas e sessenta línguas, com o intuito de verificar a codificação morfológica de complexidade como uma das duas formas de classificação nominal. O autor parte da hipótese de que há uma relação inversa entre a presença de gênero e de classificadores numéricos, o que é confirmado nas análises estatísticas apresentadas. O autor ainda conclui que essa relação pode ser mapeada territorialmente.

O último capítulo do volume II é escrito por Bernhard Wälchli e Francesca Di Garbo e apresenta um vasto estudo diacrônico sobre complexidade de gênero. O extenso capítulo (com cento e sessenta e quatro páginas, o equivalente a metade do volume II) discute, a partir de um modelo dinâmico (*dynamic approach*), a emergência, evolução e desaparecimento de gênero gramatical como categoria nominal. O texto é composto por onze sessões que discutem processos diacrônicos que resultam no aumento ou diminuição da complexidade de gênero, características semânticas por trás do rótulo “gênero”, como animacidade, as manifestações morfológicas dessa categoria e sua relação com a complexidade do sintagma nominal em que aparece, difusão das relações de concordância, relações entre gênero e as demais classes gramaticais nominais, como número, e as relações entre a complexidade linguística de gênero e sua relação com fatores externos às línguas (ecologia linguística). Os autores concluem sua empreitada estabelecendo uma definição de gênero gramatical que vai além da definição tradicional baseada na transparência de concordância e adotada pela maioria dos estudos tipológicos, assumindo sabores semânticos (como animacidade e sexo do referente) em sua classificação. Wälchli e Di Garbo chegam a algumas conclusões importantes, tais como: (i) gênero é um caso especial de marcação nominal e tem consequências para a morfossintaxe dos nominais; (ii) concordância envolvendo gênero é complexa no sentido de manipular controladores e alvos complexos; (iii) os sistemas de gênero quase sempre implicam cumulação com outras classes nominais (número, caso e/ou pessoa), o que ainda é pouco explorado na literatura; (iv) gênero deve ser organizado de forma a conectar os diferentes níveis da línguas (léxico, sintaxe, morfologia, morfologia, semântica, fonologia); (v) gênero é estável diacronicamente no sentido de encontrar-se consolidado em marcas morfossintáticas específicas.

Por fim, o livro é encerrado com um apêndice listando tópicos relevantes e breves definições, com sua localização nos livros, remetendo cada expressão à sessão ou capítulo em que são discutidas, e um índice nominal remissivo.

Discussão

A observação e a descrição de qualquer fenômeno devem sempre preceder e motivar as discussões teóricas. E, como herdeira mais destacada do estruturalismo linguístico, a tipologia linguística é uma das áreas dos estudos da linguagem que mais levam esse lema a sério. Os dois volumes que compõem *Grammatical gender and linguistic complexity* são um excelente exemplo disso. As pesquisas contidas em suas setecentos e vinte e nove páginas formam uma robusta contribuição aos estudos linguísticos tipológicos ao contemplar um expressivo número de línguas a partir de uma abordagem muito bem delineada: a complexidade linguística. Ao escolher uma das categorias gramaticais mais desafiadoras nos estudos da linguagem, gênero, os autores estabelecem um objetivo claro com a obra que é a descrição exaustiva dessa categoria, e o fazem em trabalhos de cunho sincrônico e diacrônico.

A distribuição dos treze capítulos nos dois volumes é feita de modo a permitir ao leitor uma familiaridade teórica inicial, com a leitura dos três primeiros capítulos do volume I, que apresentam o aparato teórico-metodológico que guia todos os textos, para, só então,

imersão nas descrições feitas nos capítulos seguintes. A diversidade meta-metodológica (descrições estruturais, estudos diacrônicos, estatística) permite ao leitor uma visão multidimensional do fenômeno da realização de gênero gramatical.

Um ponto que merece destaque é o debate crítico feito ao longo dos capítulos sobre problemas gerados pelas análises tradicionais tanto sobre tipologia quanto sobre a categoria gênero. Destaco especialmente os textos de Dahl (capítulo três, volume I) e o capítulo de Wälchli e Di Garbo (capítulo cinco, volume II), que fazem críticas a questões tratadas como pontos pacíficos nos estudos tipológicos, mas não o são, tais como o (des)equilíbrio na amostragem, como aponta Dahl, e as relações entre forma e função das expressões de gênero nas línguas, como esboçam Wälchli e Di Garbo.

O estudo da complexidade linguística como ponto de partida para a tipologia linguística também merece destaque na obra. Sendo uma área da pesquisa linguística que necessariamente envolve as diversas facetas dos sistemas linguísticos, ela possibilita uma visão contrastiva não apriorística dos fenômenos linguísticos. Por outro lado, o estudo da complexidade limita-se, na maioria dos casos, a fenômenos de superfície observáveis. Em outras palavras, a complexidade linguística permite que o linguista descreva a língua a partir de instrumentos empíricos somente, inclusive em momentos de generalização, como no debate sobre evolução de categorias. O modelo se aproxima bastante, nesse sentido, ao estruturalista, o que não é, de forma alguma, condenável tendo em vista seus objetivos.

Faço aqui uma crítica à definição padrão de gênero adotada na obra. Herdada de Hockett (1958) e Greenberg (1978) e ampliada e difundida por Corbett (1991), gênero gramatical é definido morfossintaticamente como valor de um sistema de concordância de classes nominais. Essa definição por si não distingue essa classe das demais, pois número e caso também se encaixam nessa definição (cf. Carvalho *et al.*, 2020). Por outro lado, a tentativa de ampliação proposta por Wälchli e Di Garbo no capítulo de encerramento do volume II (gênero como um tipo de categoria gramatical com um núcleo semântico de animacidade e/ou sexo que reflete classes de referentes e cuja exponência é tipicamente cumulativa com outros valores nominais) não contribui para o entendimento da função dessa categoria nas línguas e não se afasta das definições pré-estruturalista de gênero (cf. Grimm, 1831; Steinthal, 1858), pois mantém a tradição indo-europeia de classificação nominal que não contempla um número considerável sequer mencionadas nos capítulos dos dois volumes, como as brasileiras, amazônicas, andinas e norte-americanas, por exemplo.²

Uma questão sensível no modelo tipológico adotado na obra é a exclusão dos fatores cognitivos de uma categoria como gênero. Corbett *et al.* (2020), por exemplo, percebem a necessidade de se observar o processamento dessa categoria por seus falantes, inclusive para o entendimento de seu mapeamento diacrônico. Um possível caminho para solucionar o problema é a adoção de um modelo de sistema (ou gramática) que leve em conta uma arquitetura mental que possa lidar com complexidade. A Morfologia Relacional, proposta em Jackendoff e Audring (2020), apresenta um exemplo de gramática capaz de lidar com a complexidade linguística de um ponto de vista cognitivo.

² Recomendo a leitura de Carvalho (2018, 2019, 2020) para exemplos desse tipo de discussão no português brasileiro.

Ainda, o capítulo final de Wälchli e Di Garbo, cuja intenção é apresentar um panorama histórico da complexidade de gênero destoa do restante da obra, sendo mais adequado para publicação como volume à parte, devido especialmente a sua dimensão de livro (cento e sessenta e quatro páginas!). A contribuição do capítulo, entretanto, é inquestionável.

Por fim, um ponto de bastante destaque é a distribuição em acesso aberto da obra, através do sítio da editora *Language Science Press* (o endereço para o volume I é <https://langsci-press.org/catalog/book/223> e para o volume II é <https://langsci-press.org/catalog/book/237>). A distribuição gratuita em formato eletrônico permite acesso aos leitores de forma indistinta, proporcionando um real acesso à produção acadêmica e científica.

Em suma, os dois volumes de *Grammatical gender and linguistic complexity* estão repletos de trabalhos de indiscutível relevância para avanços tanto nos estudos em tipologia linguística, quanto no entendimento do gênero gramatical, que, nas palavras de Corbett (1991, p. 1), é “a mais intrigante das categorias gramaticais”. Portanto, apesar de haver uma considerável bibliografia sobre estudos linguísticos voltados para a tipologia de gênero gramatical, é com entusiasmo que o público acadêmico deve receber mais essa robusta obra, que amplia o entendimento dessa categoria nas línguas do mundo.

Referências

AIKHENVALD, Alexandra Y. **How Gender Shapes de World**. Oxford: Oxford University Press, 2016. DOI: 10.1093/acprof:oso/9780198723752.001.0001

BROWN, Dunstan; CHUMAKINA, Marina; CORBETT, Greville G. (eds.). **Canonical morphology and syntax**. Oxford: Oxford University Press, 2013. DOI:10.1093/acprof:oso/9780199604326.001.0001

CARVALHO, Danniell da Silva. O traço de gênero na morfossintaxe do português. **DELTA**. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 34, p. 635-660, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-445008104720040323>

CARVALHO, Danniell da Silva. On gender agreement in Brazilian Portuguese. In: Eric Mathieu; Myriam Dali; Gita Zareikar. (Org.). **Gender and Noun Classification**. 1ed. Oxford: Oxford University Press, 2019, v. 1, p. 136-158. DOI: <https://doi.org/10.1093/oso/9780198828105.003.0007>

CARVALHO, Danniell da Silva. Aspectos da morfossintaxe de gênero no português brasileiro. **Cuadernos de la ALFAL**, v. 12, p. 357-384, 2020.

CARVALHO, Danniell da Silva; BRITO, Dorothy Bezerra Silva de; FARIAS, Jair Gomes de. Notas sobre el aspecto del género gramatical. **Revista Argentina de Ciencias del Comportamiento**, v. 12, n. 3, p. 1-12.

CORBETT, Greville G. **Gender**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

CORBETT, Greville G. **Agreement**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

CORBETT, Greville G. Number of Genders. In: DRYER, Matthew S.; HASPELMATH, Martin (Eds.). **The World Atlas of Language Structures Online**. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. (Disponível online em <http://wals.info/chapter/30>, acessado em 19 de julho de 2020)

CORBETT, Greville G. (ed.). **The expression of gender**. Berlim: De Gruyter Mouton, 2015. DOI: 10.1515/9783110307337

CORBETT, Greville G.; FEDDEN, Sebastian. Canonical gender. **Journal of Linguistics**, 52(3), p. 495-531, 2016.

CORBETT, Greville G.; FEDDEN, Sebastian; GRANDISON, Alexandra. **Gender: new horizons**. Conferência, 2020. 1 vídeo (1h 23min 29s). Publicado pelo canal da Associação Brasileira de Linguística, https://www.youtube.com/watch?v=JmJDV5q7zqQ&feature=emb_title.

DAHL, Östen. **The growth and maintenance of linguistic complexity**. Amsterdam: John Benjamins, 2004.

DI GARBO, Francesca. 2014. **Gender and its interaction with number and evaluative morphology: An intra- and intergenealogical typological survey of Africa**. Tese (Doutorado em Linguística), Stockholm University, Stockholm, 2014.

DIXON, Robert M. W. **Where Have All the Adjectives Gone?** and other Essays in Semantics and Syntax, Berlin, Mouton de Gruyter, 1982. DOI: 10.1515/9783110822939

DRYER, Matthew S.; HASPELMATH, Martin (Eds.). **The World Atlas of Language Structures Online**. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. (Disponível online em <http://wals.info/chapter/30>, acessado em 19 de julho de 2020)

GREENBERG, Joseph H. 1978. How does a language acquire gender markers? In: GREENBERG, Joseph H. (ed.). **Universals of Human Language**. Vol 3 – Word Structure. Stanford: Stanford University Press, 1978, p. 47-82.

GRIMM, Jacob. **Deutsche Grammatik**. Vol. 3. Göttingen: Dieterich, 1831.

HOCKETT, Charles F. **A course in modern linguistics**. New York: Macmillan, 1958.

JACKENDOFF, Ray; AUDRING, Jenny. **The texture of the Lexicon**. Relational Morphology and the Parallel Architecture. Oxford: Oxford University Press, 2020.

LUPYAN, Gary; DALE, Rick. Language structure is partly determined by social structure. **PLOS one**, 5(1), e8559, 2010.

MEILLET, Antoine. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Champion, [1921] 1982.

SAPIR, Edward. **Language**. An Introduction to the Study of Speech. New York: Brace, 1921.

STEINTHAL, Heymann. Die genera des nomen. **Beiträge Zur Vergleichenden Sprachforschung Auf Dem Gebiete Der Arischen, Celtischen Und Slawischen Sprachen**, 1(3), 1858, p. 292-307.